

A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



 **Atena**
Editora
Ano 2019

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas ciências sociais aplicadas [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A produção do conhecimento nas ciências sociais aplicadas; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-292-0

DOI 10.22533/at.ed.920192604

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Ciências sociais – Pesquisa – Brasil. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.

CDD 307

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Os textos são um convite a leitura e reúnem autores das mais diversas instituições de ensino superior do Brasil, particulares e públicas, federais e estaduais, distribuídas entre vários estados, democratizando o acesso a estes importantes resultados de pesquisas.

Os artigos foram organizados nos 5 volumes que compõe esta coleção, que tem como objetivo apresentar resultados de pesquisas que envolvam a investigação científica na área das Ciências Sociais Aplicadas, sobretudo, que envolvam particularmente pesquisas em Administração e Urbanismo, Ciências Contábeis, Ciência da Informação, Direito, Planejamento Rural e Urbano e Serviço Social.

Este 1º volume reúne um total de 28 artigos que dialogam com o leitor sobre importantes temas que envolvem a violência sexual, de gênero e contra a mulher, transexualidade, sexualidade no ambiente escolar e no trabalho, racismo, diversidade de gênero, atuação profissional feminina, direito, educação, prática de esporte e da arte, sempre com temas relativos a mulher, sexualidade e gênero.

Assim fechamos este 1º volume do livro “A produção do Conhecimento nas Ciências Sociais Aplicadas” e esperamos poder contribuir com o campo acadêmico e científico, trabalhando sempre para a disseminação do conhecimento científico.

Boa leitura!

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A APLICAÇÃO DA LEI MARIA DA PENHA AOS CASOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER TRANSEXUAL: INSTRUMENTO DE DIGNIDADE E JUSTIÇA SOCIAL	
André Luis Penha Corrêa Lucas Lopes Grischke	
DOI 10.22533/at.ed.9201926041	
CAPÍTULO 2	7
A DUALIDADE ENTRE O <i>SER MULHER</i> E O <i>SER POLICIAL</i> : DISCUSSÕES ACERCA DO ENCONTRO “CHÁ DE ROSAS”	
Daniela Cecilia Grisoski Eneida Silveira Santiago	
DOI 10.22533/at.ed.9201926042	
CAPÍTULO 3	18
A EXPERIÊNCIA DO PROJETO ESTAÇÃO CASA DA REDE MARISTA DE SOLIDARIEDADE COM MULHERES ENCARCERADAS NA PENITENCIÁRIA ESTADUAL DE PIRAQUARA, EM CURITIBA-PARANÁ	
Gabriela Daniel de Campos Francieli do Rocio de Campos	
DOI 10.22533/at.ed.9201926043	
CAPÍTULO 4	28
A MULHER REPRESENTADA PELA IGREJA PRESBITERIANA NOS ANOS 70: A REVISTA ALVORADA E A IMAGEM FEMININA	
Daniela Emilena santiago Dias de Oliveira Ricardo Gião Bortolotti	
DOI 10.22533/at.ed.9201926044	
CAPÍTULO 5	38
A NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	
Nathaly Cristina Fernandes Carolina dos Santos Jesuino da Natividade	
DOI 10.22533/at.ed.9201926045	
CAPÍTULO 6	47
A SEXUALIDADE INFANTIL NO CONTEXTO ESCOLAR: UMA EXPERIÊNCIA COM GESTORAS DE ENSINO	
Camila Campos Vizzotto Alduino Marcia Cristina Argenti Perez	
DOI 10.22533/at.ed.9201926046	
CAPÍTULO 7	62
ATUAÇÃO DA MULHER NA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO PARANÁ: HISTORICIDADE, AVANÇOS E DIFICULDADES	
Adriana Cristina Dias Lopes Allan Jones Miranda de Souza Claudia Ramos de Souza Bonfim	
DOI 10.22533/at.ed.9201926047	

CAPÍTULO 8	74
BRANQUITUDE E DECOLONIALIDADE ACADÊMICA	
Ana Tereza da Silva Nunes	
Jair da Costa Junior	
DOI 10.22533/at.ed.9201926048	
CAPÍTULO 9	85
DIVERSIDADE E GÊNERO A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DE UMA METODOLOGIA ATIVA COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO	
Daniela Copetti Santos	
Luciane Carvalho Oleques	
Juliane Oberoffer Santos da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.9201926049	
CAPÍTULO 10	90
DO PRIVADO AO PÚBLICO: IDENTIDADES FEMININAS CATÓLICAS NA CONTEMPORANEIDADE E SEUS SENTIDOS	
Joyce Aparecida Pires	
DOI 10.22533/at.ed.92019260410	
CAPÍTULO 11	104
ECONOMIA SOLIDÁRIA: COOPERAÇÃO E AUTOGESTÃO PARA A COLETA DE RESÍDUOS RECICLÁVEIS	
Gisele Quinallia	
Juliene Maldonado Orosco de Andrade	
Edilene Mayumi Murashita Takenaka	
DOI 10.22533/at.ed.92019260411	
CAPÍTULO 12	113
EDUCAÇÃO SEXUAL: PROMOVEDO RESPEITO EM SALA DE AULA ATRAVÉS DE DINÂMICAS	
Nathália Hernandez Turke	
Felipe Tsuzuki	
Virginia Iara de Andrade Maistro	
DOI 10.22533/at.ed.92019260412	
CAPÍTULO 13	123
ENTRE ROMANCES E SEGREDOS, (HÁ) VIOLÊNCIA SEXUAL	
Paula Land Curi	
Nayalla Buarque	
Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins	
DOI 10.22533/at.ed.92019260413	
CAPÍTULO 14	129
ESPAÇO EMPRESARIAL E A RELAÇÃO ORGANIZACIONAL COM SUAS FUNCIONÁRIAS MULHERES	
Catharina Correa Polachini	
Keila Isabel Botan	
Andreza Marques de Castro Leão	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.92019260414	

CAPÍTULO 15	141
ESPAÇOS PÚBLICOS E DIVERSIDADE URBANA: A IMPORTÂNCIA DE SE PENSAR A CIDADE A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GÊNERO	
Wellisson de Oliveira Camilo Jr	
DOI 10.22533/at.ed.92019260415	
CAPÍTULO 16	152
FRIDAS: UMA PROPOSTA DE GRUPO DE ESTUDOS SOBRE GÊNERO E DIVERSIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR	
Vanessa Elias	
DOI 10.22533/at.ed.92019260416	
CAPÍTULO 17	166
FUTEBOL DE MULHERES E A EXPERIÊNCIA DE CAMPO	
Martina Gonçalves Burch Costa Giovanni Felipe Ernst Frizzo	
DOI 10.22533/at.ed.92019260417	
CAPÍTULO 18	173
INTERSECÇÕES ENTRE GÊNERO, SEXUALIDADE E RAÇA NAS TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO DOCENTE E AS INFLUÊNCIAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA	
Lilian Silva de Sales	
DOI 10.22533/at.ed.92019260418	
CAPÍTULO 19	190
MEMÓRIAS DE UM RECITAL DE PIANO: REFLETINDO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE	
Giácomo de Carli da Silva Cristina Rolim Wolffenbüttel	
DOI 10.22533/at.ed.92019260419	
CAPÍTULO 20	197
NOTAS SOBRE A INCLUSÃO DE ATLETAS TRANSGÊNERO NO ESPORTE	
Fernanda Dias Coelho Ludmila Mourão	
DOI 10.22533/at.ed.92019260420	
CAPÍTULO 21	210
O PARADOXO DA INCLUSÃO: UM ENSAIO PÓS-ESTRUTURALISTA SOBRE OS DIREITOS SEXUAIS	
Andressa Regina Bissolotti dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.92019260421	
CAPÍTULO 22	225
PARA ALÉM DO MATCH: TINDER NA PRODUÇÃO DISCURSIVA DE CORPOS	
Maria Cecilia Takayama Koerich	
DOI 10.22533/at.ed.92019260422	

CAPÍTULO 23	231
POR UMA TEORIA FEMINISTA DO PODER CONSTITUINTE: INSTITUIÇÕES, JUSTIÇA E REPRESENTAÇÃO POLÍTICA NA BANCADA FEMININA DA ASSEMBLEIA NACIONAL CONSTITUINTE DE 1987-1988	
Silvana Santos Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.92019260423	
CAPÍTULO 24	242
QUE SEXUALIDADE É ESSA? REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES AMOROSAS DE ADOLESCENTES VÍTIMAS DE INCESTO	
Aline Luiza de Carvalho Márcia Stengel	
DOI 10.22533/at.ed.92019260424	
CAPÍTULO 25	258
QUE VOZ É ESSA QUE FALA POR MIM? A LUTA DO INSTITUTO GELEDÉS POR DIGNIDADE, RECONHECIMENTO E REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NO BRASIL	
Breenda Karolainy Penha Siqueira Jamilly Nicácio Nicolete	
DOI 10.22533/at.ed.92019260425	
CAPÍTULO 26	270
RELACIONAMENTOS AMOROSOS DE ADOLESCENTES E A INTERNET	
Márcia Stengel Nádia Laguárdia de Lima Jacqueline de Oliveira Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.92019260426	
CAPÍTULO 27	286
RESISTÊNCIA FRENTE À VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA A MULHER: RELATO DA EXPERIÊNCIA COM A EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA “MULHERES EXTRAORDINÁRIAS - FRAGMENTOS DE LUTA E SUPERAÇÃO”	
Jéssica Aparecida Chaviuk Francisco Cíntia de Souza Batista Tortato	
DOI 10.22533/at.ed.92019260427	
CAPÍTULO 28	298
VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES: PERCEPÇÕES E RELATOS DE MULHERES PROFISSIONAIS DO SEXO EM ÁREA COSTEIRA DO NORTE DO BRASIL	
Brenda L. Assis Lisboa Walquirene Nunes Sales Driene N. Silva Sampaio Amanda C. Ribeiro Costa Gláucia C. Silva-Oliveira Aldemir B. Oliveira-Filho	
DOI 10.22533/at.ed.92019260428	
CAPÍTULO 29	310
ENTRE TREVAS E ARCO-ÍRIS: ORIENTAÇÃO SEXUAL E A “IDEOLOGIA DE GÊNERO”	
Marina de Almeida Borges Ana Cristina Nassif Soares	
DOI 10.22533/at.ed.92019260429	

CAPÍTULO 30 317

SUICÍDIO NO PÚBLICO DE LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (LGBT):
ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DE 2013-2018

Ana Patrícia Fonseca Coelho Galvão

Pablo Nascimento Cruz

Fábio Batista Miranda

Jaíza Sousa Penha

Nayfrana Duarte de Sousa Oliveira

Fabrcio e Silva Ferreira

Wochimann de Melo Lima Pinto

Natalie Rosa Pires Neves

Nayra Michelle Anjos Amorim

Raylena Pereira Gomes

Rose Daiana Cunha dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.92019260430

SOBRE O ORGANIZADOR..... 333

EDUCAÇÃO SEXUAL: PROMOVENDO RESPEITO EM SALA DE AULA ATRAVÉS DE DINÂMICAS

Nathália Hernandez Turke

Mestranda em Ensino de Ciências e Educação Matemática – Universidade Estadual de Londrina.

Londrina – Paraná.

Felipe Tsuzuki

Mestrando em Ensino de Ciências e Educação Matemática – Universidade Estadual de Londrina.

Londrina – Paraná.

Virgínia Iara de Andrade Maistro

Doutora em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual de Londrina. Docente da Universidade Estadual de Londrina.

Londrina – Paraná.

RESUMO: Somos o resultado de uma sociedade repressora, sexista e discriminatória, pautada em preconceitos e falso moralismo, onde sexualidade deve ser ensinada em casa, através de crenças religiosas. Sexo é considerado como pecaminoso e imoral; orientações sexuais que não sejam a heterossexual, são vistas como “anormais” e “promíscuas”; *bullying* é tido como irrelevante e comum, levando muitos estudantes e professores a terem medo e receio de falar sobre o assunto. Diante do contexto, foram pensadas atividades para compreender as diferenças e as diversidades presentes não somente na sociedade, como no contexto escolar. Assim, por meio de uma

discussão, foram organizadas aulas práticas com o intuito de desenvolver estes temas durante as aulas de Ciências, em turmas do Ensino Fundamental II, em escolas da rede pública na cidade de Londrina/PR. Para tal, foram utilizadas seis dinâmicas lúdicas com os seguintes temas: educação sexual, gênero, preconceitos, *bullying*/exclusão, estereótipos e respeito, que tinham por objetivo romper e desmitificar estigmas, tabus e preconceitos em sala de aula. Constatou-se que a ausência de espaços para discussões sobre esses assuntos ainda provoca conceitos errôneos, levando a preconceitos. Entretanto, ao tratar as discriminações e as maneiras de minimizá-las, de maneira lúdica, através de atividades práticas, com os discentes, é possível contribuir para a diminuição da intolerância existente dentro das escolas, bem como fora delas, demonstrando ser importante e necessário levantar essas questões com os jovens, instigando-os a repensar sobre seus atos e, principalmente, a modificá-los, a fim de diminuir agressões físicas e verbais.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade; Escola; Preconceito.

ABSTRACT: We are the result of a repressive, sexist and discriminatory society, based on prejudgments and false moralism, where

sexuality must be taught at home, through religious beliefs. Sex is considered as sinful and immoral; sexual orientations other than heterosexual are seen as "abnormal" and "promiscuous"; bullying is regarded as irrelevant and common, leading many students and teachers to be afraid and fear to talk about it. Given the context, activities were designed to understand the differences and the diversity present not only in society, but also in the school context. Thus, through a discussion, practical classes were organized with the intention of developing these themes during the Science classes, in classes of Middle School, in public schools in the city of Londrina / PR. To this end, six playful dynamics were used with the following themes: sexual education, gender, prejudgments, bullying / exclusion, stereotypes and respect, which aimed to break and demystify stigmas, taboos and prejudgments in the classroom. It was found that the absence of spaces for discussions on these subjects still provokes erroneous concepts, leading to prejudices. However, in dealing with discrimination and ways of minimizing them, in a playful way, through practical activities with the students, it is possible to contribute to the reduction of intolerance within and outside schools, proving to be important and necessary to raise these issues with young people, by instigating them to rethink their actions and, above all, to modify them in order to reduce physical and verbal aggression.

KEYWORDS: Sexuality; School; Prejudgment.

1 | INTRODUÇÃO

Mosé (2013) questiona as atuais perspectivas das propostas de ensino que envolvem uma preparação para a vida e o exercício da cidadania, um ensino como um meio, desconsiderando, indiretamente, o seu presente e o seu contexto. Logo, se a escola por meio da educação lhe ensinará como viver e como praticar sua cidadania, o indivíduo ainda em aprendizado não vive e nem pratica a sua cidadania. A falha no sistema educacional é caracterizada pela não democratização desses espaços de ensino-aprendizagem, bem como a ausência do diálogo, onde ainda rege o autoritarismo nas relações professores-estudantes, apresentando-se inviável uma abordagem que estimule a criação, permanecendo apenas na reprodução dos conceitos.

Os espaços de educação formal que se pautam nesses princípios, se assemelham aos presídios ao constituírem metodologias e fins parecidos. Neste local, os estudantes são silenciados e seus conhecimentos prévios desconsiderados, pois se valorizam os conteúdos impostos e fragmentados. A partir desta análise, Mosé (2013) responsabiliza esse distanciamento da escola com sociedade como uma barreira para as relações humanas, como pode ser observado no trecho abaixo:

Essa falta de conexão da escola, tanto com a sociedade quanto consigo mesma, não é apenas prejudicial para o desenvolvimento cognitivo dos alunos, que se dá pela capacidade de fazer relações cada vez mais amplas e complexas, mas prejudica também as relações humanas, a prática da justiça social, o exercício

da cidadania, implica diretamente o aumento do grau de angústia e solidão e impulsiona cada vez mais ao consumo de produtos, de pessoas, de drogas lícitas e ilícitas. Participar da sociedade, interferir em suas instâncias, construí-la, nos dá uma sensação de pertencimento que nos fortalece e fortalece os acordos. Mas a escola foi se afastando dessa continuidade e se baseando em um conhecimento dividido e abstrato (MOSE, 2013, p. 51).

A respeito dessa fragmentação e descontextualização dos conteúdos escolares, Freire (2014) identifica e detalha este fenômeno, propondo uma metodologia voltada e baseada nos conhecimentos prévios. A partir da consideração dos conhecimentos que já se tem, o indivíduo aprende a “dizer a sua palavra” e, portanto, não se vê obrigado a reproduzir as palavras de terceiros que, em seu contexto, não possui significado ou relevância. O autor postula a máxima:

A nossa preocupação, neste trabalho, é apenas apresentar alguns aspectos do que nos parece constituir o que vimos chamando de Pedagogia do Oprimido: aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e das suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará (FREIRE, 2005, p. 34).

Na interlocução e análise de Carvalho e Ibiapina (2009), a obra *A construção do pensamento e da linguagem* de Vigotski (2001), discute o papel dos signos no processo de aprendizagem, transformando suas funções psíquicas em superiores, agindo como mediador do desenvolvimento psicológico. Nesta mesma obra, Vigotski se refere à Zona de Desenvolvimento Imediato (ZDI) como o desenvolvimento potencial, as características emergentes dos estudantes, contudo explicita que o desenvolvimento dessas habilidades se tornará potencial apenas se houver a mediação de outros, uma vez que estes irão estimular este desenvolvimento. Assim, esses estudos se complementam, uma vez que esta mediação e não imposição está presente no discurso de Freire (2005), quando este afirma que a pedagogia do oprimido deveria ser produzida com e não para esses que buscam recuperar sua humanidade. Saviani (1996) descreve a necessidade de uma prática educativa que dirija do senso comum à consciência filosófica, ou seja, “passar de uma concepção fragmentária, incoerente, desarticulada, implícita, degradada, mecânica, passiva e simplista a uma concepção unitária, coerente, articulada, explícita, original, intencional, ativa e cultivada”.

No que tange à sexualidade, Gomes e colaboradores (2002) identificam um déficit no conhecimento acerca do corpo, do sexo e das sexualidades de 6.419 estudantes de 10 a 14 anos. Os autores apontam a necessidade de mais programas e iniciativas que proporcionem as discussões que compreendem estas temáticas. Madureira (2009) ressalta a lacuna existente entre Parâmetros Curriculares Nacionais – Temas Transversais, no qual se encontram propostas para a educação sexual no âmbito escolar, e a realidade da forma com que a sexualidade é trabalhada na escola, quando isto ocorre. A autora mostra que as sexualidades e os gêneros são discutidos, principalmente, pelos/as professores/as de Ciências. Além de apresentar

as problemáticas encontradas na formação inicial e continuada dos mesmos, propõe a construção de espaços de discussão e problematização sobre as bases afetivas, bem como a origem histórica e cultural dos preconceitos contra a diversidade, seja ela sexual, de gênero, étnica ou relacionada a portadores de necessidades especiais. Louro (1997) ressalta a importância da abordagem de assuntos que permeiam os gêneros e as sexualidades:

É indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz. Podemos estender as análises de Foucault, que demonstraram o quanto as escolas ocidentais se ocuparam de tais questões desde seus primeiros tempos, aos cotidianos escolares atuais, nos quais podemos perceber o quanto e como se está tratando (e constituindo) as sexualidades dos sujeitos (LOURO, 1997, p. 81).

Embora Britzman (2000) afirme que o termo “educação sexual” esteja relacionado a uma proposta de higienismo social, no qual compreende apenas uma visão biológica e instrumental da sexualidade, neste trabalho esta terminologia apresenta um viés mais abrangente que engloba uma perspectiva também social e histórica. Portanto, assemelha-se do significado de “orientação sexual”, pois este termo diz respeito ao trabalho pedagógico escolar de discussão da sexualidade (FURLANI, 2009).

Segundo Furlani (2003), a manutenção dessa educação fragmentada e que desconsidera os/as estudantes no âmbito da educação sexual, resultará e perpetuará nos mitos, tabus e preconceitos trazidos e reproduzidos pelos/as estudantes. Assim, Furlani (2003) caracteriza os mitos sobre as sexualidades:

Mitos sexuais existem e podem ser compreendidos como concepções errôneas e/ou inadequadas que podem surgir a partir de rumores, ou mesmo, através de uma educação sexual pouco elaborada e credices populares. Os tabus sexuais são aspectos da sexualidade que a sociedade, de certa forma, não aceita, como a homossexualidade, a masturbação, a iniciação sexual da mulher antes do casamento, etc. Ainda hoje, quando se fala sobre sexo e sexualidade, muitos remetem a valores e crenças revestidas de preconceitos, tabus, mitos e estereótipos (FURLANI, 2003).

Como rompimento destes paradigmas e possível ferramenta para resolução de problemas não apenas relacionados a sexualidade e gênero, mas de aspecto social, como a violência e o assédio moral (*bullying*) presente dentro e fora das escolas, Louro (2001) elabora uma pedagogia e um currículo *queer*. Nesta intervenção, a autora pretende questionar a binariedade e a polarização, além de problematizar a *heteronormatividade* imposta e as diversas identidades. A metodologia dialética utilizada considera o indivíduo como participante ativo na construção do seu conhecimento, desta forma, impedindo que os mitos e tabus (baseados em construções históricas, culturais e religiosas) continuem a ser reproduzidos. Contudo, estes mitos e tabus atuarão como mediadores para o entendimento dos conceitos, uma vez que estes diante da problematização mostrarão a sua falta de fundamento e nesta lacuna serão propostos novos conhecimentos, agora, muito bem fundamentos (LOURO, 1997).

A seguir, Louro (2001) diferencia a pedagogia e o currículo *queer* dos trabalhos já realizados ou propostos, explicitando a necessidade de compreender o outro, para além de distanciar as diferenças, mas identificar as diferenças em si:

Uma pedagogia e um currículo *queer* se distinguiriam de programas multiculturais bem-intencionados, onde as diferenças (de gênero, sexuais ou étnicas) são toleradas ou são apreciadas como curiosidades exóticas. Uma pedagogia e um currículo *queer* estariam voltados para o processo de produção das diferenças e trabalhariam, centralmente, com a instabilidade e a precariedade de todas as identidades. Ao colocar em discussão as formas como o 'outro' é constituído, levariam a questionar as estreitas relações do eu como outro. A diferença deixaria de estar lá fora, do outro lado, alheia ao sujeito, e seria compreendida como indispensável para a existência do próprio sujeito: ela estaria dentro, integrando e constituindo o eu. A diferença deixaria de estar ausente para estar presente: fazendo sentido, assombrando e desestabilizando o sujeito. Ao se dirigir para os processos que produzem as diferenças, o currículo passaria a exigir que se prestasse atenção ao jogo político aí implicado: em vez de meramente contemplar uma sociedade plural, seria imprescindível dar-se conta das disputas, dos conflitos e das negociações constitutivos das posições que os sujeitos ocupam (LOURO, 2001, p. 550).

Diante do contexto, foram pensadas atividades que tinham o potencial de compreender as diferenças e a diversidade presente não somente na sociedade, como no eu. Assim, por meio da discussão, na qual se dá voz aos/às estudantes, foram organizadas aulas dinâmicas com o intuito de promover o respeito, desenvolvidas durante as aulas de Ciências. O trabalho foi analisado mediante a seguinte questão: aulas lúdicas sobre respeito, *bullying*, gênero e orientação sexual faz-se estratégia eficaz a fim de romper e desmitificar estigmas, tabus e preconceitos em sala de aula?

2 | METODOLOGIA

As aulas práticas foram desenvolvidas nas aulas de Ciências de turmas do Ensino Fundamental II (sexto ao nono ano), em escolas da rede pública na cidade de Londrina/PR. Para tal, foram utilizadas dinâmicas com os seguintes temas: educação sexual, gênero, preconceitos, *bullying*/exclusão, estereótipos e respeito.

- **Dinâmica 01: Educação Sexual**

Após ser explicado o significado de Educação Sexual, foram abordados temas como higiene pessoal, menstruação, gravidez precoce e prevenção. Foram levados para a sala de aula diferentes tipos de absorventes femininos (externo, interno e coletor menstrual), bem como os métodos contraceptivos (diafragma, camisinha masculina e feminina, DIU, anel vaginal, adesivo, pílula e anticoncepcional injetável) e de emergência (pílula do dia seguinte), sendo explicada a maneira de utilizá-los e eficácia.

É importante salientar que ao falar sobre sexualidade, além de abordar os assuntos citados inicialmente, deve-se incluir temas como gênero, orientação sexual, masturbação, pedofilia, estupro, virgindade, pornografia, feminismo e machismo,

orgasmo, ejaculação, desempenho sexual, bem como auto-estima e sentimentos.

Posteriormente, foi desenvolvida uma dinâmica denominada “Dança da Transmissão”, a fim de introduzir a temática “Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)”.

- **Dinâmica 02: Dança da Transmissão**

Os materiais necessários são: copos descartáveis transparentes, água da torneira, água tônica, luz negra e música da atualidade, conhecida pela maioria dos jovens.

A pessoa responsável pelo desenvolvimento da prática preencheu até a metade a maioria dos copos com água de torneira, contudo a um (ou dois, dependendo da quantidade de estudantes presentes) foi adicionado água tônica sem gás, deixando-o similar aos outros. Logo em seguida, os copos descartáveis foram entregues aos alunos – alguns estando duplicados, ou seja, dois copos, um dentro do outro.

Brevemente, fez-se uma explicação sobre como a dinâmica seria conduzida, onde os discentes deveriam andar por todo o ambiente disponível, como se estivessem em uma festa (uma “balada”), dançando e trocando o conteúdo de seu copo com o dos colegas enquanto a música tocava. Ao final da melodia, os mesmos formaram uma fila e analisaram e compararam com os colegas o líquido presente em seu copo. Os alunos se dividiram em dois grupos – o primeiro possui um líquido com coloração azul (característica da luz negra), enquanto o segundo possui coloração roxa, brilhando em contato com a luz negra.

Ao final, explicou-se que apenas um (ou dois) copo continha água tônica no começo da oficina, a qual contém “quinino”, substância que em contato com a luz negra reflete a coloração “roxa brilhante”, enquanto todos os outros participantes receberam copos com água pura. Entretanto, ao final, mais da metade da turma se “contaminou” com a água tônica.

Houve, então, uma discussão sobre a importância de se prevenir ao manter relações sexuais com outras pessoas, principalmente desconhecidas. Isso se deve ao fato de ninguém saber que possui certa infecção, como HPV, AIDS e assim por diante – fez-se uma analogia ao mostrar aos discentes que nenhum tinha consciência de que estava trocando líquidos com pessoas “infectadas”. Mostrou-se que alguns jovens possuíam dois copos, atestando que mesmo tendo adquirido alguma infecção, a mesma permaneceu na camisinha, simbolizada pelo primeiro copo, deixando a pessoa intacta (representada pelo segundo copo).

Foram citadas as diferentes infecções sexualmente transmissíveis, enfatizando a importância de não haver preconceito com pessoas soropositivas, as quais possuem uma vida normal, como qualquer outro ser humano.

A oficina foi dada como finalizada ao esclarecer as dúvidas dos participantes, sobre qualquer tema voltado à sexualidade, onde as indagações puderam ser feitas em voz alta ou através de papéis em branco, anonimamente.

- ***Dinâmica 03: Gênero***

Inicialmente fez-se um diálogo sobre as diferenças existentes entre conceitos como sexo, gênero e orientação sexual. Logo em seguida, esquematizou-se uma tabela no quadro, com a separação “Menino x Menina”.

Os discentes foram convidados a categorizar coisas que imaginavam serem específicas para meninas e coisas específicas para meninos, como características físicas, biológicas, atitudes, objetos que os mesmos usariam no dia-a-dia, como cores, brinquedos, jogos, roupas e assim por diante.

Após isto, todos tiveram a oportunidade de concordar ou discordar da separação feita, no quadro, pelos colegas, argumentando sobre sua posição. Através desta atividade foi possível desmistificar algumas ideias do que “é ser homem” e do que “é ser mulher”.

- ***Dinâmica 04: Bullying/Exclusão***

Foram confeccionados papéis com algumas características utilizadas ao julgar uma pessoa sem conhecê-la, bem como modos de tratá-la por conta disso, como: “Sou confiável: ouça-me”, “Sou arrogante: conteste o que eu digo”, “Sou chato, afaste-se de mim”, “Sou feio, tire sarro de mim”, “Sou extrovertido, me dê um sorriso”, “Sou popular, faça-me um elogio” e assim sucessivamente.

Os papéis foram fixados com fita crepe na testa de cada participante, os quais não sabiam as características que estavam recebendo e, apenas através do que se podia ler nas fichas dos colegas, seguiram o que a frase mandava fazer durante determinado tempo.

Ao final, foi feita uma discussão sobre como cada discente se sentiu ao ser tratado sobre o modo de melhorar seu comportamento perante as pessoas à sua volta.

- ***Dinâmica 05: Respeito***

Cada estudante encheu uma bexiga e a amarrou em seu tornozelo. Após o sinal da professora, todos deveriam manter sua bexiga cheia, a fim de ganhar um prêmio ao final. Rapidamente, um tentou estourar a bexiga do outro, terminando a dinâmica quando apenas um possuía sua bexiga intacta. Foi conversado sobre como todos poderiam ter sido presenteados, caso não houvessem tentado levar os colegas ao fracasso, visando a importância de haver diálogo e respeito entre as pessoas.

- ***Dinâmica 06: Concordo e Discordo***

Em um lado da sala foi colado um papel escrito “Concordo” e no outro lado um escrito “Discordo”. Foram lançadas afirmativas para os alunos, a fim de identificar suas percepções sobre as questões de gênero, principalmente no que diz respeito à opressão da mulher na sociedade.

As afirmativas lançadas foram as seguintes: “Os pais são mais controladores com as filhas do que com os filhos”, “Homens não podem chorar”, “As garotas querem encontrar um homem pra casar e têm medo de ficar sozinhas”, “Limpar a casa e cuidar dos filhos é dever da mulher”, “Os homens são, naturalmente, mais agressivos

do que as mulheres”, “Os homens possuem instinto controlador, não deixando suas namoradas/esposas usarem roupas curtas e saírem sozinhas”, “É natural falar mal de garotas que saem pra beber com os amigos”, “É normal o homem trair”, “O que o homem mais valoriza em uma mulher é o fato dela ser gostosa”, “Se homens beijarem várias mulheres são garanhões; mulheres são putas”, “Mulher não pode usar roupa curta ou sair na rua à noite sozinha, se não está pedindo para ser estuprada”

A cada afirmação lançada, os jovens escolhiam para qual lado da sala iriam se posicionar, sendo organizada uma discussão para cada assunto, onde foi possível cada um defender o seu lado.

- **Dinâmica 07: Estereótipos**

Separados em grupos de quatro ou cinco pessoas, foram entregues revistas e uma folha de papel sulfite aos grupos. Deu-se a seguinte tarefa: “Vocês devem escolher a figura de uma pessoa nessa revista e, através unicamente da visualização da imagem selecionada, escolher nome, idade, profissão, bem como outras características”.

Ao final, os discentes puderam apresentar para a turma os motivos pelos quais selecionaram aquela gravura e deram aquelas características para a pessoa. O intuito desta atividade foi desmitificar estereótipos, já que diversas vezes julgamos, erroneamente, “o livro pela capa”, mostrando a importância de conhecer as pessoas antes de pressupor algo.

Ao final de todas as oficinas, foi evidenciada a importância de tratar todas as pessoas da mesma maneira porque, apesar das diferenças encontradas, todos merecem o devido respeito.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as discussões, abordaram-se temas sobre a forma de tratar as pessoas, no dia-a-dia, tanto dentro da escola como fora dela, onde às vezes um cidadão acaba sendo excluído dos círculos de amizade ou trabalho simplesmente por ser “diferente” do esperado, como ser negro, estar acima do peso ideal imposto pela sociedade, possuir alguma deficiência, usar óculos, ser tímido, utilizar roupas ou cabelos diferentes dos colegas e assim sucessivamente. Também foi discutido sobre preconceitos contra negros, índios, deficientes, homossexuais, bissexuais, pansexuais, assexuais, transexuais, diferentes religiões, distintos padrões de moda e beleza. Destacou-se a necessidade de desmitificar tabus sobre as relações de gênero na sociedade, advindos de uma reparação de “coisas corretas para homens e mulheres”. Assim, visou-se a igualdade e o direito de “poder ser você mesmo”, sem ser julgado por padrões preestabelecidos por uma sociedade arcaica e preconceituosa.

Foi possível perceber que, no início das oficinas, muitos jovens demonstraram preconceitos e falta de respeito, inúmeras vezes escondidos em piadas e ironia. Contudo, notou-se que vários participantes se querer sabiam a diferença entre

sexo, gênero e orientação sexual, bem como desconheciam algumas religiões, ou as compreendiam de maneira equivocada – fato que pôde ser percebido quando equipararam a Umbanda com macumba.

Durante as discussões foi enfatizado o preconceito preestabelecido em cada um, mesmo quando a pessoa acha que está livre do mesmo, utilizando exemplos do dia-a-dia, como: o modo de olhar para uma pessoa com deficiência; julgar alguém pelo seu modo de se vestir ou se portar, por possuir tatuagens ou *piercings*; não ajudar um idoso ou um deficiente a atravessar a rua quando necessário ou não ceder seu lugar no banco do ônibus para uma mulher grávida; se sentir perseguido apenas por haver um indivíduo negro andando próximo na rua; não respeitando as diferentes religiões e assim por diante.

Parte do preconceito que os jovens possuem vem de uma influência existente em casa, na escola, na igreja, entre outros lugares, mas outra boa parte apenas está presente por conta da falta de informação sobre a diversidade de indivíduos e a necessidade de respeitar uns aos outros, sem julgar o caráter de alguém através de sua aparência.

Constatou-se que a falta de espaços para discussões sobre esses assuntos ainda provoca, pela falta de informação, conceitos errôneos, levando a preconceitos. Entretanto, ao tratar as discriminações e as maneiras de minimizá-las, de maneira lúdica, através de atividades práticas, com os discentes, é possível contribuir para a diminuição da intolerância existente dentro das escolas, bem como fora delas, demonstrando ser importante e necessário levantar essas questões com os jovens, instigando-os a repensar sobre seus atos e, principalmente, a modificá-los, a fim de diminuir agressões físicas e verbais.

REFERÊNCIAS

BRITZMANN, D. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 85-111.

CARVALHO, M. V. C.; IBIAPINA, I. M. L. M. A abordagem histórico-cultural de Lev Vigotski. In: CARVALHO, M. V. C.; MATOS, K. S. A. L. (Org.). **Psicologia da educação: teorias do desenvolvimento e da aprendizagem em discussão**. Fortaleza: Coleção diálogos intempestivos, 2009. p. 161-198.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 44^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FURLANI, J. Encarar o desafio da Educação Sexual na escola. In: **Sexualidade**. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Curitiba: SEED – PR, 2009.

_____. **Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003.

GOMES, W. D. A.; COSTA, M. C. O.; SOBRINHO, C. L.; SANTOS, C. A. S. T.; BACELAR, E. B. Nível de informação sobre adolescência, puberdade e sexualidade entre adolescentes. **Jornal de Pediatria**, v. 78, n. 4, p. 301-308, 2002.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, p. 20, 1997.

_____. Teoria Queer – uma política pós-identitária para a educação. **Estudos feministas**, v. 9, n. 2, p. 541, 2001.

MADUREIRA, A. F. do A. **Gênero, sexualidade e diversidade na escola**: a construção de uma cultura democrática. 2009.

MOSÉ, V. **A escola e os desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

SAVIANI, D. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. São Paulo: Cortez, 1996.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-292-0

